

EDITAL DE INSCRIÇÃO (RESUMO EXPANDIDO) - PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO STRICTO SENSU COMUNICAÇÃO

**PERFORMANCE E TRAVESSIA: CORPOS DISSIDENTES,
ANCESTRALIDADE E MÍDIA NA CENA DE LINIKER E ILÚ OBÁ DE MIN NA
SÉRIE 3% DA NETFLIX**

Natalhe Vieni (natalhegarciaacosta@gmail.com)

Mariana Corrêa Lenk (marianaclenk@gmail.com)

Este artigo analisa a presença da artista Liniker, mulher trans e negra, em conjunto com o coletivo afro-brasileiro Ilú Obá de Min, na segunda temporada da série 3% da Netflix. A cena escolhida, transformada em videoclipe da canção Preciso me Encontrar, de Candeia, mobiliza visualidade, música, ancestralidade e movimento como dispositivos estéticos e políticos. O objetivo central é compreender como a performance articula raça, gênero e ancestralidade para construir uma narrativa transversal de resistência, reexistência e pertencimento na mídia contemporânea.

O ponto de partida é a constatação de que corpos dissidentes historicamente foram apagados ou estereotipados pela mídia brasileira. A emergência de artistas como Liniker, Linn da Quebrada e coletivos como o Ilú Obá de Min rompe esse apagamento ao instaurar uma pedagogia estética que inscreve a ancestralidade negra e a diversidade de gênero no centro da cena. A análise parte da hipótese de que tais presenças não se limitam a representar, mas agenciam novos modos de visibilidade, deslocando códigos tradicionais e instaurando contravisibilidades que tensionam as normas culturais.

A fundamentação teórica se ancora em Judith Butler (2024), com a teoria da performatividade, que interpreta o gênero como prática discursiva e repetição transformável das normas sociais; em Angela Davis (2024), que problematiza as interseções entre racismo, sexismo e capitalismo, situando a experiência da mulher negra como lugar estratégico de resistência; em Muniz Sodré (2023), com a reflexão sobre o corpo negro como signo de potência criadora e sobre a comunicação ancorada em matrizes afro-brasileiras; e em Stuart Hall (2006), que discute a fragmentação identitária na pós-modernidade. O cruzamento desses referenciais possibilita compreender Liniker não apenas como artista, mas como linguagem viva, corpo-símbolo que encarna deslocamentos sociais, políticos e espirituais.

A metodologia adotada é qualitativa, com análise de conteúdo e observação descritiva aplicada a três cenas do videoclipe: (1) a entrada ritualizada de Liniker em cortejo, carregada como figura régia e coroada pelo silêncio inicial rompido pela voz; (2) a mobilização comunitária, em que a multidão se envolve progressivamente, marcada pela aparição de personagens como o homem em cadeira de rodas e a mulher do violino, símbolos de resistência cotidiana; e (3) o clímax coletivo, com a presença das dançarinas do Ilú Obá de Min, bonecos com corações flamejantes e a fusão entre violino e tambores, transformando a cena em bloco popular de diversidade e ancestralidade.

Na discussão, observa-se que a performance, ao contrário de reforçar estereótipos de dor ou marginalidade, projeta o corpo negro e trans como signo de potência simbólica e estética. A cena desloca o olhar do espectador da lógica individualista para o coletivo, do entretenimento neutro para a celebração ritual. O gesto performático não é apenas representação, mas ação social, capaz de instaurar brechas contra-hegemônicas no campo da mídia mainstream. Liniker, nesse contexto, corporifica o que Butler chama de “ato performativo não conformista”, ao desafiar a matriz heterossexual compulsória; enquanto Davis ajuda a situar sua presença no continuum histórico da luta das mulheres negras por reconhecimento. Sodré permite ler a cena como contravisibilidade, onde a cor deixa de ser índice de carência e torna-se signo de criação. Hall, por sua vez, possibilita compreender Liniker como sujeito pós-moderno fragmentado, cuja identidade se constrói em trânsito e multiplicidade.

A análise revela que a performance audiovisual se organiza como travessia: do silêncio inicial à celebração compartilhada, do indivíduo ao coletivo, da dor à potência. O rito, encenado na distopia ficcional de 3%, transforma-se em gesto de futuro ancestral, em que corpos dissidentes se tornam pedagogos

simbólicos da resistência. O Ilú Obá de Min, ao trazer seus tambores, danças e cosmologias afro-brasileiras, reinscreve a ancestralidade na linguagem midiática, evidenciando que a cultura negra e feminina não é apenas representação, mas estrutura de mundo.

Conclui-se que a presença de Liniker e do Ilú Obá de Min no audiovisual globalizado atua como fissura no discurso hegemônico, abrindo espaço para novos regimes de visibilidade. A cena analisada mostra que a comunicação não é neutra: é campo de disputa simbólica e estética, onde se forjam imaginários sociais. Nesse sentido, a performance analisada é mais que entretenimento — é um gesto político, espiritual e artístico, que afirma a vida em sua multiplicidade.

Assim, o artigo sustenta que produções midiáticas como 3%, ao inserir corpos trans e negros em posições centrais, podem provocar deslocamentos profundos no imaginário coletivo. Ainda que tensionadas pelas lógicas de mercado, tais performances são capazes de reconfigurar sensibilidades, instaurar escutas e convocar novos pertencimentos. O corpo de Liniker, em aliança com o coletivo Ilú Obá de Min, torna-se símbolo de travessia e convocação, afirmando que não há futuro possível sem diversidade, sem ancestralidade e sem a potência criadora dos corpos dissidentes.

Palavras-chave: performance; identidade; mídia; representação; ancestralidade.